

QUEIMADAS

Fogo começou por volta de 14h e se estendeu por quatro quilômetros. No final da tarde, a situação estava controlada graças a ajuda de equipes de voluntários

Divulgação



AS CAUSAS DO INCÊNDIO QUE ATINGIU A RESERVA ECOLÓGICA AINDA NÃO SÃO CONHECIDAS, MAS O FOGO COMEÇOU NAS MARGENS DA RODOVIA DF-001

O primeiro incêndio do ano no Parque Nacional

Noéli Nobre
Da equipe do **Correio**

O primeiro foco de incêndio do ano no Parque Nacional de Brasília se estendeu por uma linha de aproximadamente quatro quilômetros. O fogo começou por volta das 14h e logo foi descoberto por uma brigada contra incêndio da Patrulha Ecológica (organização não-governamental ambiental), que fazia uma de suas rondas rotineiras pela região. Imediatamente combatido, foi controlado às 18h, só restando alguns pequenos focos.

As causas do incêndio ainda não são conhecidas. “O fogo veio da estrada, das margens da rodovia DF-001. Pode ter sido causado acidentalmente pela ponta de um cigarro ou pode ter sido criminal”, avalia a diretora técnica da Patrulha Ecológica, Mara Moscoso. A baixa umidade relativa do ar no horário em questão, entre 30% e 40%, e vento forte da região que está situada a 1.300 metros de altitude fizeram com que o fogo se alastrasse rapidamente.

Funcionários do próprio parque, bombeiros, voluntários da Patrulha Ecológica e moradores do Lago Oeste combateram o fogo com bombas costais (mochilas com capacidade para 20 litros de água) e abafadores. Mas o que controlou mesmo o incêndio foi uma linha de fogo ateadada em sentido oposto. Quando se encontraram, as duas linhas perderam a força e foram apagadas.

A sina da vegetação do cerrado

A seca não traz apenas a baixa umidade para castigar o cerrado. No rastro das longas estiagens também vem uma permanente ameaça: a de incêndios na vegetação do ecossistema. O Parque Nacional de Brasília é uma das áreas mais atingidas pelas queimadas. Anualmente, o fogo consome parte da reserva ecológica de 30 mil hectares que abriga as bacias de Santa Maria e do Torto — responsáveis por 30% do abastecimento de água potável do Plano Piloto — e espécies raras da fauna da região. Apesar das advertências dos ambientalistas, a mata é sempre devorada pelas chamas, como se fosse uma sina trazida pelos ventos que levantam a poeira

“O importante em um incêndio florestal é o primeiro combate”, afirma o administrador do Parque Nacional, Elmo Monteiro. “O fogo tem de ser atacado assim que iniciado, senão perdemos o controle e um pequeno incêndio pode durar dias.”

MEMÓRIA

e embalam galhos ressequidos nesta época do ano.

Algumas dessas queimadas atravessam dias e noites tragando a floresta da reserva ecológica e dizimando espécies raras de sua fauna. Em setembro de 1998, por exemplo, um incêndio que durou mais de 60 horas consumiu pelo menos 30% da área. Para controlar as chamas foram mobilizados trezentos homens do Corpo de Bombeiros, da Brigada de Incêndio do Parque Nacional e da Patrulha Ecológica. Na operação foram usados carros-pipas e três helicópteros. Naquela ocasião, o fogo avançou em direção do Córrego das Três Barras — um local que não queimava havia 15 anos. Segundo os bombeiros, os focos teriam começado no quintal de uma casa na Barragem do Torto.

No ano seguinte, nuvens de fumaça também se desprenderam da mata para tingir de negro o céu nas imediações do

Parque Nacional de Brasília. Em 12 de junho de 1999, o fogo destruiu parte da reserva, na divisa do Departamento de Parques e Jardins com o Regimento de Cavalaria de Guarda. Foram apenas duas horas de incêndio, tempo suficiente para afugentar da área carcarás e gafanhotos, que saíram às pressas do local para buscar novo habitat.

Cenas semelhantes se repetiram em 2000. Em 30 de julho do ano passado, uma segunda-feira, o fogo consumiu 1.245 hectares do Parque Nacional de Brasília, o equivalente a 4% de sua área. Ao final daquele dia, depois de um intenso trabalho para combater chamas de até dez metros de altura, os homens do Corpo de Bombeiros não tiveram dúvidas em apontar um incêndio criminoso como provável causa da destruição que fez a mata agonizar por mais de quatro horas. (João Carlos Rodrigues)

Monteiro lembra que estamos entrando na época crítica da seca e que é preciso ficar alerta daqui para frente. Como forma de prevenção, a administração do parque fez queimadas controladas nas bordas que circundam a região — fogo não se alastra em re-

gião desmatada. “Agora é monitorar qualquer fumacinha.”

SERVIÇO

PARQUE NACIONAL DE BRASÍLIA
465.2013, 465.2016 ou 465.2085